



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**GUSTAVO ENDRES**

**(depoimento)**

**2013**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-351

**Entrevistado:** Gustavo Endres

**Nascimento:** 23/08/1975.

**Local da entrevista:** Fevalle - Canoas.

**Entrevistadora:** Natália Bender

**Data da entrevista:** 08/10/2013

**Transcrição:** Bruna Tomaschwski Perla

**Copidesque:** Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 12 e vinte e 4 segundos.

**Páginas Digitadas:** 9 páginas.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Início da trajetória no voleibol; Convocação para a seleção brasileira de voleibol; Destaques às competições que participou; As dificuldades de estar fora de casa para seguir a carreira no voleibol; Voleibol praticado nas férias em família; Trajetória nos Jogos Olímpicos; Convocação para os Jogos Olímpicos; A organização dos Jogos Olímpicos; A Vila Olímpica; A participação nos Jogos Olímpicos; A visibilidade que os Jogos atribui; Retorno ao Rio grande do Sul para atuar como atleta; A responsabilidade de ser medalhista Olímpico; A importância dos esportes na vida das crianças; Agradecimentos finais.

Canoas, 08 de outubro de 2013. Entrevista com Gustavo Endres a cargo das pesquisadoras Bruna Tomaschwski Perla e Natália Bender para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

N.B. – Queria agradecer a disponibilidade de conceder essa entrevista para o Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS e seria bom se você pudesse começar falando um pouco sobre a sua inserção no esporte, se já iniciou no voleibol?

G.E. – Para tudo, para assistir, para jogar, para treinar e aquilo foi me conquistando aos poucos e aí eu consegui um convite para fazer parte da equipe infanto infantil da cidade, que era a melhor equipe, que era o Colégio Conceição<sup>1</sup>, através do técnico Gilmar Venturini e aí foram dois anos, em 1991 e 1992 nós disputamos também o Campeonato Municipal, o Campeonato Estadual e ali comecei a ficar bastante ativo no voleibol, treinando e jogando quase que diariamente. Em 1993 fui para essa famosa peneira, que hoje não existe mais, do Banespa, do antigo Banespa que não existe mais, e consegui passar dentro de outros dois mil atletas, e ali sim que começou a minha carreira como atleta profissional de voleibol.

N.B. – E na época que você iniciou como é que era a situação do vôlei aqui no Rio Grande do Sul?

G.E. – Era bem forte, tinham várias equipes adultas muito fortes, foi particularmente um ano muito especial porque em 1992 o Brasil conseguiu a medalha de ouro em Barcelona. Eu assisti, eu tinha... quantos anos que eu tinha? Deixa-me fazer as contas... 17 anos, então, foi muito importante para mim porque deu um turbo assim na minha carreira. Me deu uma vontade de jogar ainda mais, então, em 1993 teve essa peneira onde foi recorde. Foram quatro mil atletas para ser quatro selecionados, então, realmente foi muito especial e foi muito legal ter visto eles e ter participado agora durante vários anos da Seleção.

N.B. – Quais outros momentos e eventos da tua vida esportiva tu destacarias?

G.E. – Eu destacaria que o principal seria a Olimpíada de 2004. Fomos campeões em Atenas, acho que esse foi o ápice da nossa equipe; fomos bicampeões mundiais, coisa que o Brasil não tinha sido campeão mundial, fomos em 2002, depois em 2006, o Brasil hoje já é tricampeão mundial, em 2010 também conquistou, então, esses títulos seriam os mais importantes.

N.B. – Quais as principais dificuldades na sua carreira sendo fora do eixo Rio-São Paulo? Teve outras também que gostaria de mencionar?

G.E. – Não. Eu acho que as piores dificuldades estão no dia-a-dia, é você estar fora da tua casa, longe da tua família, longe dos teus pais, sozinho, com outros quinze, vinte atletas que também estão na mesma situação. Isso eu digo que na idade ali de 18, 19 anos, quando é realmente que você vai ser atleta de voleibol ou você vai parar. Ali foi o momento mais difícil da carreira, em vários momentos eu pensei em desistir e voltar para o Rio Grande do Sul, tive o total apoio da família. Mas aos poucos fui conquistando o meu espaço, conquistando títulos com a categoria juvenil; fui convocado para a Seleção Brasileira Juvenil, fomos vice-campeão mundial juvenil, então, eu acho que a partir dali realmente eu consegui uma segurança maior em mim mesmo, no que eu estava fazendo e consegui seguir em frente.

N.B. – E sobre o início da tua carreira, antes dos jogos, tem mais alguma coisa que gostaria de destacar?

G.E. – Não, eu acho que a felicidade do começo, de como tudo aconteceu, de ter participado lá das categorias infante infantil, até da adulta. Eu jogava, eu participava, jogava no verão, lembro muito bem que nós tínhamos... Tem um clube lá, um clube campestre, juvenil, e nós montávamos as barracas, e as barracas ficavam de dezembro até fevereiro, quando terminavam as aulas e quando começavam; e todos os sábados e domingos a gente jogava vôlei de areia, tinha uma quadra de vôlei de areia, então, eu, os meus tios, meus irmãos, meus primos, todo mundo jogava, a gente dominava a quadra lá acabava ficando só para nós [risos], então esses momentos realmente ficam guardados na minha memória.

---

<sup>1</sup> Colégio Marista Conceição, na cidade de Passo Fundo (RS)

N.B. – Em relação à ida para os Jogos Olímpicos, como foi, como tu enxergas a tua participação?

G.E. – Eu acho que foi maravilhosa, participei de três Olimpíadas. Da primeira não tivemos resultado muito bom, acabamos em sexto lugar, mas foi muito bom pela experiência de ter participado do evento da magnitude que é uma Olimpíada, onde estão todos os atletas, os melhores atletas do mundo, onde se quebram recordes, que se confraterniza como se fossem pessoas normais, então, isso foi muito legal. E ai, em 2000 fomos campeões, em Sydney. Em 2004 a gente já tinha uma experiência maior, de como lidar com aquele dia na Vila Olímpica que é muito louca [risos], muito difícil de se controlar, e ai a equipe se fechou e conseguiu a medalha de ouro. Em 2008, também bem mais experiente, também conseguimos a medalha de prata, uma bela de uma vitória, perdemos a final para os Estados Unidos por três a um, mas são experiências maravilhosas que gostaria que todos pudessem passar porque realmente é fantástico.

N.B. – Como foi convocado para participar dos Jogos?

G.E. - Fui convocado para a Seleção Brasileira em 1997, depois de um ciclo Olímpico. No voleibol eles contam muito um ciclo Olímpico, então, a cada quatro anos praticamente muda mais da metade dos jogadores, e em 1997 ele convocaram esse grupo mais novo, que foi o meu caso, do Ricardinho<sup>2</sup>, do Giba<sup>3</sup>, do André Heller, jogadores que eram jovens, que estavam se destacando no cenário nacional e foi feito um trabalho para que se chegasse ao ápice em 2000. Não chegamos, infelizmente não conseguimos um bom resultado, mas em 2004 conseguimos esse resultado que todos nós queríamos.

N.B. – Teve algo diferente entre uma participação e outra, se a modalidade teve uma estruturação ou visibilidade diferente que você gostaria de nos contar?

---

<sup>2</sup> Ricardo Garcia.

<sup>3</sup> Gilberto Amauri Godoy Filho.

G.E. – Eu acho que assim, teve Sydney que foi maravilhoso, tudo muito organizado, foi fantástico, desde a abertura até quando terminou. Eles realmente estavam de parabéns, todos os australianos. Em Atenas, apesar de nós termos conquistado o ouro, não foi tão bonito, tão organizado como foi em Sydney e já em Pequim eu acho que foi a melhor de todas. Foi maravilhoso, toda a festa, tudo o que os chineses gastaram, toda a participação, o envolvimento da comunidade chinesa realmente foi... Nossa, eu guardo assim na memória a melhor competição, a melhor manifestação que eu participei.

N.B. – E sobre a tua participação nos jogos, teria mais alguma experiência que gostaria de compartilhar?

G.E. – Não, só o fato de ter conhecido grandes campeões como Roger Federer, como Rafael Nadal, os jogadores da NBA que quase é difícil para eles caminharem na Vila, então, eles acabam ficando fora da Vila Olímpica. São todos astros, jogadores de futebol também nós conhecemos, então, é uma experiência muito legal, porque todo mundo fica no mesmo patamar, ninguém é melhor do que ninguém; está todo mundo atrás de uma medalha, então, é realmente muito bonito.

N.B. – Agora sobre a carreira depois dos Jogos. Qual a repercussão da tua participação nos Jogos?

G.E. – Eu acho que a visibilidade aumenta, a responsabilidade aumentou bastante porque depois que você é campeão Olímpico você é sempre cobrado como tal. Então todo o jogo, toda a bola, vão lembrar que você é um campeão Olímpico. Isso é muito bom mas também, às vezes, é muito ruim, você tem que estar sempre muito bem preparado, principalmente para as críticas; saber contornar as críticas, mas também tem os elogios, vão estar sempre te elogiando. Então tudo na minha carreira tem os dois lados, tudo na carreira de todo mundo tem os dois lados: lados ruim, você deve saber conviver, e festejar nos momentos bons, que isso é que realmente importa.

N.B. – Qual o significado para o esporte do Rio Grande do Sul da tua participação?

G.E. – Eu acho que está sempre revelando grandes talentos, não só no voleibol, mas em várias modalidades esportivas. Eu acho que é um estado que tem um investimento no esporte ainda baixo perto de outros como São Paulo e Rio de Janeiro, Minas Gerais, eu acho que precisa crescer muito ainda. Tivemos agora essa lei que foi aprovada, já no ano passado, que está dando uma melhorada, mas ainda eu acho que dá para investir melhor, porque temos material humano, temos muitos jovens que gostam de praticar esportes, então, eu acho que precisa melhorar ainda.

N.B. – Há quanto tempo tu estás no Rio Grande do Sul e o que te fez voltar a atuar aqui?

G.E. – Eu saí com 17 anos, foi em 1993. Eu fui para São Paulo e fiquei vinte anos fora; joguei oito anos em São Paulo, pelo Banespa, aí joguei na Itália, fiz oito anos na Itália, aí voltei para São Paulo, fiquei mais dois anos em São Paulo, e aí voltei para o Rio Grande do Sul. Uma escolha por eu ser gaúcho, por ter uma identificação muito grande com o estado, por fazer parte desse projeto do Canoas Vôlei<sup>4</sup>. Fui convidado pelo Paulão<sup>5</sup> e aceitei prontamente porque era um desafio na minha carreira; vim para uma equipe que estava em formação, que tinha recém ganho a Super Liga B e ia participar da Super Liga A, digamos assim. Então botei como objetivo de não ser só um jogador, mas também participar das decisões da equipe. Eu acho que foi uma decisão acertada porque vai chegar um momento que eu vou ter que parar de jogar vôlei, apesar de eu não querer parar nunca, mas vai chegar esse momento e eu já tenho uma certa experiência na parte de trás da quadra, na parte de fora da quadra que realmente vai me ajudar no meu futuro.

N.B. – Pensando nos objetivos da nossa pesquisa, que é analisar a participação gaúcha nos Jogos Olímpicos, gostaria de falar mais alguma coisa sobre esse tema?

G.E. – Eu acho que tem sempre dois, três gaúchos, é o que eu posso falar. Do voleibol, tinha eu, o André Eller, então, estava sempre muito bem representado. Parece que a Seleção precisa sempre ter um, dois ou três gaúchos para realmente funcionar, digamos assim, mas é como eu falei antes, espero que o Estado abra bem os olhos e invista mais no esporte, invista mais na escola, invista mais nos clubes, invista em tudo. Invista em tudo

---

<sup>4</sup> Gustavo joga no Móveis Kappesberg/Canoas, na cidade de Canoas (RS).

<sup>5</sup> Paulo André Jukoski da Silva.



que possa fazer com que os nossos jovens, as nossas crianças participem do esporte, porque o esporte, ele naturalmente mostra as crianças, ele dá para as crianças uma disciplina, ele tira as crianças talvez das drogas, tira da rua, vai ter um lugar para ele praticar esportes, ele vai se cuidar, vai se alimentar melhor, então, tudo na vida dessas crianças vai melhorar. Eu sou exemplo disso, vários outros, meu irmão também. Então o esporte é fundamental na vida das pessoas, eu diria.

N.B. – E tem algo que nós não perguntamos que gostaria de deixar registrado?

G.E. – Não. Só agradecer ai a vocês pela pesquisa, me desculpa novamente pelo atraso e obrigado, realmente muito obrigado, acho muito importante poder estar falando de esporte, de Olimpíada e principalmente de voleibol.

N.B. – Obrigada. Em nome do Centro de Memória do Esporte, a gente te agradece.

[FINAL DO DEPOIMENTO]